

Sociologia no Ensino Médio:  
Oportunidade de inovação na escola e na universidade

Marcelo Baumann Burgos\*

Como era de se esperar, a aprovação da Lei 11.684/2008, que torna obrigatória a inclusão da sociologia (e da filosofia) em todos os anos do ensino médio, vem suscitando acesos debates sobre como e o quê se deve ensinar em sociologia (e em ciências sociais em geral). Previsível, afinal, pouco existe de consensual a respeito do que são as ciências sociais, seus limites, objetos e competências; e a massificação de seu ensino em âmbito escolar impõe um terreno novo de disputas entre grupos localizados em diferentes segmentos do campo das ciências sociais, cada qual pretendendo fazer valer suas posições a respeito do que entendem ser o bom ensino da sociologia - a celeuma em torno da proposta curricular de sociologia para o Estado do Rio de Janeiro, divulgada em fevereiro de 2010, tem trazido boa evidência disso.

Até o momento a controvérsia em torno do ensino da sociologia parece estar se organizando em torno de dois eixos posições polares:

- o primeiro, é o que opõe aqueles que seriam portadores de uma visão militante e doutrinária das ciências sociais, aos que defendem uma visão mais plural e axiologicamente neutra da atividade;

- o segundo eixo, opõe os que postulam uma visão mais prática e aplicada das ciências sociais, aos que defendem uma visão mais acadêmica da atividade.

Mas, além de exprimir diferentes posições axiológicas e doutrinárias sobre as ciências sociais, esses dois eixos da luta em torno da *boa sociologia* também estão atravessados por ressentimentos e preconceitos mútuos, que têm suas raízes na história de construção do campo das ciências sociais no Brasil. Pois é preciso lembrar que, entre nós, a história da institucionalização das ciências sociais se fez em boa medida sob regimes autoritários – especialmente no regime militar – o que levou à construção de uma identidade fortemente identificada com a excelência acadêmica, erguida como

---

\* Professor do Departamento de Sociologia da PUC-Rio e Coordenador do Centro de Estudos Direito e Sociedade (CEDES/IUPERJ).

“cidadela erudita”, o que não se deu sem uma traumática ruptura com identidades mais militantes – funcionalistas ou marxistas – muito influentes até os anos de 1970.

Avançar na reflexão sobre a sociologia no ensino médio reclama, portanto, fugir das armadilhas que as clivagens internas ao campo das ciências sociais importam para o debate. E, para tanto, a própria tradição das Ciências Sociais cultivadas entre nós oferece boas alternativas para a construção de um roteiro mais consensual e mais promissor.

Em primeiro lugar, pela natureza essencialmente auto-reflexiva das ciências sociais praticadas no país, que, no caso, recomenda que, ao invés da disputa estéril em torno de uma concepção aparentemente sistêmica do que seja a *boa sociologia*, se faculte aos alunos do ensino médio o acesso ao debate sobre os dilemas inerentes ao ensino da sociologia na escola, sobretudo no que diz respeito aos riscos que a adoção de posições doutrinárias trazem para a própria razão de ser das ciências sociais.

Em segundo lugar, pela sólida identidade acadêmica que as ciências sociais construíram no Brasil. Longe de ser um obstáculo ao desenvolvimento de uma atuação mais prática do cientista social na vida brasileira, a cultura acadêmica tem, ao contrário, servido como fonte identitária diferenciadora do cientista social, credenciando-o para um amplo leque de atividades que não apenas a docência. Apesar de não dispormos de pesquisas abrangentes sobre isso, levantamentos preliminares realizados por estudantes de Ciências Sociais da PUC-Rio têm indicado que a maior parte dos profissionais não docentes que atuam enquanto cientistas sociais mantém estreita relação com a vida acadêmica das ciências sociais. Portanto, ao invés de ser recusada, ou apresentada como obstáculo ao desenvolvimento da *boa sociologia*, a identidade acadêmica do cientista social deve ser valorizada, o que certamente reclamará um permanente esforço de aproximação entre a escola e a universidade.

Uma outra marca das ciências sociais praticadas no Brasil a ser valorizada diz respeito à sua tradição crítica em face do corporativismo profissional que frequentemente deixa em segundo plano os interesses da sociedade. Nesse sentido, a presença da sociologia no ensino médio bem poderá significar um elemento perturbador da cultura profissional estabelecida no mundo escolar, contribuindo para abri-lo para uma comunicação mais rica com atores externos, especialmente com a família e a vizinhança de seus alunos e, sobretudo, com a sociabilidade juvenil. De fato, um dos caminhos mais promissores para o desenvolvimento de uma vocação inovadora para a sociologia no ensino médio seria o de conceber como tarefa sua atacar o problema da

distância entre a escola e o mundo de seus alunos, que é, como se sabe, uma dimensão crítica para a escolarização no ensino médio. Para isso, será preciso valorizar uma outra marca distintiva da tradição das ciências sociais, que é a sua competência para a pesquisa empírica. Animados por sua competência para a pesquisa, os professores de sociologia poderão conduzir, com seus alunos, investigações sobre diferentes temas relacionados ao mundo juvenil, fomentando na escola o debate e a reflexão sobre essas dimensões, e atuando na formulação de soluções concretas para tornar a escola mais interessante para seu aluno.

Assim, caso consiga contribuir para cultivar uma cultura avessa ao pensamento doutrinário e normativo, para integrar o ensino escolar à cultura acadêmica, e para aproximar a escola do mundo de seu aluno, a sociologia ganhará um papel especial na vida escolar, o único talvez realmente sintonizado com a confiança depositada pelo Congresso Nacional na vocação crítica das ciências sociais.

Mas se a sociologia no ensino médio poderá fazer bem à escola, também poderá contribuir para oxigenar os cursos de graduação em Ciências Sociais, convertendo-se em laboratório para a pesquisa e a extensão universitárias, e, com isso, em pontos dinâmicos de relação entre as ciências sociais e a sociedade, e entre as escolas e as universidades. É deste ângulo que se pode sustentar que a sociologia no ensino médio representa uma importante janela de oportunidade para as ciências sociais inscreverem seus métodos e linguagens na prática da reflexão cotidiana. Aspiração cara, aliás, aos precursores da sociologia, que imaginavam que a difusão da nova disciplina favoreceria o enriquecimento e a racionalização do senso comum. Todo cientista social que acredita na utilidade de seu ofício de algum modo se identifica com essa expectativa. E se o problema é o da mediação entre a produção e a reprodução do conhecimento, por que não apostar para valer na escola e nos professores de ensino médio como interlocutores privilegiados das ciências sociais?